

EDITORIAL

Aeroporto

“E, confesso, causa-me alguma admiração o facto do Aeroporto de Beja não ser equacionado, verdadeiramente, como uma infraestrutura de apoio a Lisboa”.

A localização de um futuro aeroporto que possa substituir a Portela ou, nos anos mais próximos, que possa servir de apoio a este, tem estado na ordem do dia. Não tanto pela localização do aeroporto em si, uma vez que, e como se percebeu ao longo da última semana e meia, está tudo mais ou menos na mesma, como tem estado ao longo das últimas décadas. No entanto, foi uma conjugação de fatores que reavivaram a discussão em torno deste tema: o aeroporto de Lisboa está cada vez mais congestionado, em voos e passageiros, e o controlo fronteiriço tem sido o caos; o ministro das Infraestruturas e da Habitação, Pedro Nuno Santos, deu ordem para um despacho onde foi apresentada a solução para o problema, através da Portela + Montijo, de forma mais imediata, e Alcochete como escolha definitiva para o futuro; no dia seguinte, o Primeiro-Ministro, António Costa, revoga esse despacho, contradizendo, pela sua ação, o que havia sido afirmado publicamente pelo seu ministro; passado mais um dia, novamente o ministro, a pedir desculpa pela precipitação e pelo erro de comunicação no seio governamental. Entretanto, os problemas aeroportuários continuam, os passageiros e voos continuam a acumular-se (veja-se o caos causado pelo rebentamento de um pneu de um avião na pista lisboeta, levando ao desvio de inúmeros aviões para Porto e Faro) e a solução de futuro continua em aberto. Até porque António Costa pretende um entendimento de regime com, pelo menos, o maior partido da oposição, neste caso, o PSD, para aquilo que será, sem dúvida, uma obra de nível estratégico nacional.

No entanto, enquanto reina a confusão causada pelo ministro Pedro Nuno Santos, cujas motivações para tal ação inconsequente e precipitada, mais do que ninguém, à partida, só ele as conhecerá, os problemas mantêm-se e as soluções arrastam-se. E, confesso, causa-me alguma admiração o facto do Aeroporto de Beja não ser equacionado, verdadeiramente, como uma infraestrutura de apoio a Lisboa. Certamente, não passará pela cabeça de ninguém que seja uma alternativa à Portela. É que, enquanto se ponderam intervenções em Lisboa, a construção de um aeroporto de apoio no Montijo, para, uns anos depois, tudo ser desmantelado aquando da entrada em funcionamento de Alcochete (segundo a proposta de pólvora seca do despacho governativo), será que nunca se pôs a hipótese de rentabilizar o que existe em Beja? Certamente que necessitaria de investimento, não só no alargamento da infraestrutura, mas também no que diz respeito às acessibilidades: a ferrovia e a construção do troço de autoestrada que falta. Pelo menos, para começar.

Sei bem que não sou especialista em transportes, nem me arrogo a tal, mas também quero acreditar que esta hipótese, apesar de nunca ser colocada em cima da mesa, publicamente, já terá sido equacionada. A grande questão é essa: quais as razões para nunca ter sido levada a sério? Com o investimento já feito e com o que se iria fazer, talvez não ficasse mais caro para o erário público do que a solução Portela + Montijo. E com a grande vantagem de alavancar o desenvolvimento do interior, com mais e melhores acessos, criando um rol de oportunidades das quais o Baixo Alentejo tem sido privado nos últimos anos. Não só para os que cá estão, mas como motivo para outros virem. É que, bem vistas as coisas, mais acessibilidades para Montijo ou Alcochete, serão apenas isso: mais umas. Na nossa região, poderão significar a salvação do esquecimento! **MARCO MONTEIRO CÂNDIDO**

IPSIS VERBIS



“E é por sermos moderados, que não somos nem populistas nem ultraliberais e muito menos nos associaremos algum dia a qualquer política xenófoba ou racista”.

Luís Montenegro líder do PSD, no encerramento do 40.º Congresso Nacional do PSD

Semanada

SEGUNDA-FEIRA, 4

PCP DIZ QUE AEROPORTO DE BEJA TEM “CONDIÇÕES NO IMEDIATO”

O PCP defende que o aeroporto de Beja “reúne todas as condições no imediato” e deve ser “colocado ao serviço do país”, dado o “expectável aumento do fluxo turístico” e a “grande saturação” em Lisboa e Faro. Em comunicado, a Direção da Organização Regional de Beja (Dorbe) do PCP considerou que a infraestrutura pode “no imediato” ajudar a “alargar a capacidade no transporte de mercadorias” e “servir de apoio ao restante tráfego aéreo para o sul do país”. Lembrando os investimentos previstos para o alargamento do Porto de Sines, a Dorbe do PCP vincou que “a potenciação” do aeroporto de Beja deve “ser articulada” com “uma visão nacional que aproveite os fundos comunitários”. Nesse sentido, referiram os comunistas, as verbas do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) devem ser utilizadas para “um cabal e racional investimento na rede ferroviária com a modernização e eletrificação de toda a linha do Alentejo”. “Com material circulante moderno”, será possível criar “ligações rápidas e eficazes a Lisboa e ao Algarve”, sublinharam, propondo igualmente “a conclusão das vias inscritas no Plano Rodoviário Nacional”, nomeadamente o Itinerário Principal (IP) 8, com perfil de autoestrada. No comunicado, a DORBE do PCP insistiu que “o aeroporto de Beja deve ser colocado ao serviço do país”, defendendo, porém, a “inadiável e indispensável construção faseada do novo aeroporto no Campo de Tiro de Alcochete”. A infraestrutura alentejana “tem condições para receber aviões de média e grande dimensão e escoar grande parte do tráfego, permitindo que o Alentejo cresça ainda mais no plano da oferta turística e do escoamento de produtos”, assinalou.

JOSE SERRANO



FOTO DA SEMANA

Beja foi a cidade escolhida para as cerimónias de comemoração dos 70 anos da Força Aérea. No âmbito da data, sublinhada através de vários momentos, a capital de distrito recebeu, dia 1 de junho, a cerimónia militar comemorativa da efeméride, presidida pela ministra da Defesa Nacional, Helena Carreiras. Na sua intervenção, a governante reiterou o compromisso, já anteriormente assumido pelo Primeiro-Ministro, de antecipar para 2023 o objetivo de 1,66 por cento do Produto Interno Bruto de Portugal para o setor da Defesa, de modo a reforçar o respetivo orçamento.

CARTAS AO DIRETOR

que põem em causa os princípios éticos e morais do saber viver em democracia e são lesivos para o Estado e para o país. E,